

P

OPINIÃO

Humanidade, humanismo e ajuda humanitária

O desmembramento da USAID por Trump e Musk deixa um vazio que é fundamental preencher, desde logo e acima de tudo, por razões humanitárias.



Miguel Prudêncio

18 de Fevereiro de 2025, 10:38

Recentemente, escrevi neste jornal acerca das consequências potencialmente desastrosas da decisão de Donald Trump de retirar os Estados Unidos da América da Organização Mundial da Saúde. Infelizmente, essa está longe de ser a única medida chocante do recém-eleito Presidente norte-americano.

Na verdade, a torrente de *executive orders* emitidas por Trump é tão avassaladora que cria, deliberadamente, dificuldades na análise e ponderação cuidada sobre as consequências de cada uma delas. Perante a enormidade do que se está a passar, alguns temas de importância primordial, que noutras circunstâncias teriam o destaque que merecem, acabam por passar “por entre os pingos da chuva”, pelo menos para os mais desatentos. Um desses temas, que pela sua gravidade, merece uma atenção especial, é a decisão de Donald Trump, após sugestão de Elon Musk, de dismantlar a USAID, a agência norte-americana que se dedica ao apoio humanitário internacional.

A USAID foi criada em 1961 pelo então Presidente [John F. Kennedy](#) com o intuito de unir numa única agência as diferentes organizações de assistência humanitária existentes no país. De então para cá, a USAID transformou-se na maior agência de apoio humanitário do mundo, prestando auxílio em cerca de 50 países, de entre os mais desfavorecidos do planeta. As ações da USAID incluem programas de combate ao VIH/Sida e poliomielite, mas também o fornecimento de alimentos a populações isoladas, o cuidado de bebés e crianças subnutridas, e o apoio humanitário em situações de catástrofe.

São milhões e milhões de pessoas cujas vidas dependem desta ajuda e que, literalmente de um dia para o outro, veem a sua sobrevivência em risco. E “de um dia para o outro” não é um exagero. Na primeira semana após a suspensão da ajuda americana, dois terços dos centros de apoio alimentar na capital do Sudão encerraram, diversas clínicas destinadas à assistência média de emergência na África do Sul fecharam as suas portas, e estima-se que cerca de 40 mil prestadores de cuidados de saúde no Quênia possam perder os seus empregos.

É quase tão difícil sobrevalorizar a dimensão desta catástrofe como compreender que alguém a possa provocar conscientemente. E, ademais, que o faça sem aviso prévio, sem período de transição, sem busca de soluções alternativas, que porventura poderiam ser forjadas se quem tomou esta decisão tivesse um pingão de humanidade ou o mais leve desejo de as encontrar.

Além do seu enorme impacto a nível humanitário, a presença da USAID nos países onde opera sempre funcionou também como uma importante ferramenta do *soft power* americano, conceito que designa a capacidade de um país influenciar outros sem recorrer à força militar ou coerção económica, e que constitui um fator essencial para a construção do prestígio internacional de quem o exerce. Durante décadas, os EUA utilizaram o *soft power* de agências como a USAID para cultivar a sua influência planetária, algo de que Trump parece agora disposto a abdicar.

O desmembramento da USAID deixa um vazio que é fundamental preencher, desde logo e acima de tudo, por razões humanitárias. Esta poderia, pois, ser uma oportunidade para a União Europeia (UE) fazer jus aos valores humanistas que presidiram à sua criação, afirmando-se como a tábua de salvação para todos os que repentinamente se viram destituídos dos apoios de que necessitam para sobreviver. Ao mesmo tempo, tal ação permitiria aos países da União Europeia usar o *soft power* que tal papel lhe conferiria para promover os valores e ideais europeus de democracia, direitos humanos e Estado de direito, que tanto vão escasseando.

Seria isto possível? O orçamento da USAID para 2024 rondou os 32 mil milhões de dólares, o que corresponde a cerca de 0,12% do PIB dos EUA (cerca de 27 triliões de dólares) e a cerca de 0,17% do PIB combinado dos países da UE (cerca de 19,4 triliões de dólares). Claro que os países que compõem a UE gerem os seus próprios orçamentos, e claro que o somatório destes é muito superior ao do orçamento de cerca de 192 mil milhões de euros da UE enquanto tal.

O orçamento da USAID para 2024 rondou os 32 mil milhões de dólares, o que corresponde a cerca de 0,12% do PIB dos EUA e a cerca de 0,17% do PIB combinado dos países da UE

Desta forma, só um esforço conjugado de todos poderia gerar condições para criar aqueles apoios, algo que uma União Europeia tão dividida como a atual dificilmente teria condições políticas de fazer. É pena.

Numa altura em que tanto se discutem investimentos europeus em massa na defesa, talvez fosse o momento de a Europa ponderar qual o papel com que se pretende afirmar no mundo. Se o de uma escalada da despesa em armamento sem fim à vista, com os custos sociais e as consequências políticas que tal acarretaria, ou se o do caminho da ajuda humanitária, do humanismo e da solidariedade enquanto valores essenciais da humanidade.

O autor escreve segundo o novo acordo ortográfico